

Mais ricos são os mais favoráveis a cortes no financiamento da ciência e universidades

Apenas 27% da elite brasileira defende o orçamento para o setor, enquanto pessoas mais pobres (82%) e negras (75%) são as que mais apoiam



As instituições públicas de educação superior vêm passando por reduções de orçamento desde 2015, e o quadro se agravou na atual gestão do presidente Bolsonaro, chegando ao nível de colapso. As perdas com cortes orçamentários em fomento à pesquisa científica e tecnológica nos últimos sete anos chegam a R\$ 83 bilhões, segundo o Observatório do Conhecimento (observatoriodoconhecimento.org.br). No último mês, o governo federal anunciou um corte de R \$3,23 bilhões do orçamento do Ministério da Educação, atingindo todos os órgãos ligados à pasta, como institutos e universidades federais. Além disso, R\$ 35 bilhões que estavam vinculados ao FNDCT (Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia) foram desviados pelo governo para outras finalidades orçamentárias, como o pagamento da dívida pública. Soraya Smaili, uma das coordenadoras do SoU_Ciência comenta que “justamente em função desses cortes e desvios de recursos, nosso centro de pesquisa correu para criar um Painel sobre o financiamento das universidades e da ciência no Brasil que traz dados impressionantes dos cortes de investimento, custeio e em unidades orçamentárias como o CNPq, Finep e CAPES” (souciencia.unifesp.br/paineis/financiamentodacienciaetecnologia).

O último levantamento nacional de opinião pública realizado pelo Centro SoU_Ciência, em parceria com o Ideia Big Data em julho de 2022 aponta que a maioria (62%) da população é contra os cortes da ciência e das universidades federais; enquanto apenas 11% da população se diz favorável aos cortes. Apesar de apenas 6% das pessoas entrevistadas declararem não ter conhecimento sobre os cortes, é preocupante que 22% dos entrevistados se mostrem indiferentes a essa questão.

Em agosto de 2021 o Sou_Ciência havia realizado levantamento de opinião nacional com pergunta similar, que também apontava 62% contra os cortes na ciência e em pesquisa. Em ambas as pesquisas, os mais ricos são o

segmento que mais defende o corte (13% em agosto de 2021 e 19% em agosto de 2022). Contudo, a porcentagem contra os cortes nessa fração da população mais rica, que era de 66% caiu para 27% - o que pode refletir o clima eleitoral, em que os mais ricos seguem majoritariamente apoiando Bolsonaro, e ainda o reconhecimento de que a ciência e as universidades tornaram-se ao longo da pandemia, uma das principais forças públicas e políticas da oposição ao governo.

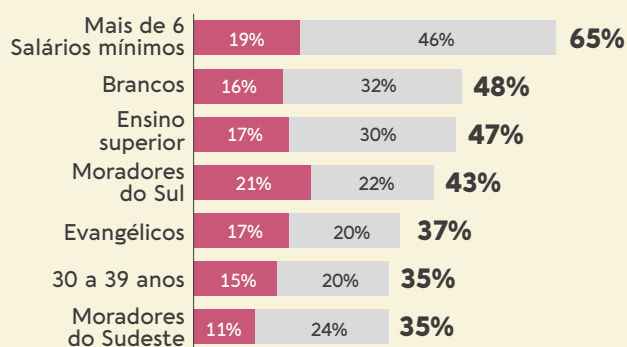
Na pesquisa atual, ficou mais evidente que o fator político eleitoral e ideológico tem forte impacto no posicionamento dos entrevistados: entre eleitores de Bolsonaro, 19% são favoráveis aos cortes e entre eleitores de Lula, 5%. Contudo, merece atenção o fato de que 55% dos bolsonaristas são contra os cortes, ou seja, quase o triplo dos que defendem o arrocho orçamentário. Soraya comenta: “há ainda uma maioria entre os bolsonaristas preocupada com a capacidade do país em produzir ciência e manter suas melhores universidades. Esta é uma possível ponte para diálogo entre posições político-ideológicas opostas. A ciência pode colaborar, senão para unir, para criar espaços de diálogo na sociedade brasileira para a reconstrução nacional pós-pandemia”.



Destacam-se na defesa do financiamento e contra os cortes



Destacam-se no apoio ou indiferentes aos cortes



À favor Indiferente

Entre os que mais desaprovam os cortes estão os jovens, negros e de menor escolaridade. 64% da juventude brasileira (de 16 a 29 anos) são contra os cortes. Os jovens em idade universitária têm sido muito ativos na luta pela defesa da educação pública de qualidade, e preocupados com seu futuro e do país. Durante os meses de junho e julho, secundaristas e universitários realizaram atividades formativas e atos públicos em defesa das universidades e contra os cortes de investimentos. Mas o dado mais expressivo, sem dúvida, é o etnorracial: 75% das pessoas pretas e 73% das pardas se posicionaram contra os cortes, frente a apenas 46% das pessoas brancas - que, por sua vez, podem manifestar ressentimento com a política de cotas, tal como os mais ricos. É possível relacionar essa posição com a abertura de vagas por meio de políticas afirmativas para negros, que passam a fazer parte e a defender o sistema público de ensino superior com maior veemência.

Associado ao corte racial está o da população de menor renda e instrução, que defende em massa a retomada dos investimentos em ciência e educação. São contra os cortes: 75% com Ensino Fundamental ou sem instrução, 82% das pessoas que ganham até um salário mínimo e 68% das que ganham de 1 a 3 salários. A elas, como aos negros, e suas intersecções, também a política de cotas garantindo 50% de vagas para originários do ensino médio público trouxe interesse e acesso ao sistema público de educação superior. E vale ressaltar, como já apresentamos em matérias anteriores, que a população de menor renda e menor instrução foi a que mais aderiu à vacinação e esteve interessada em ciência na pandemia.

A professora Maria Angélica Minhoto, uma das coordenadoras do Sou_Ciência, comenta: “Ao invés da política de desfinanciamento que temos registrado, o Brasil deveria planejar e disponibilizar continuamente um orçamento consistente para a educação e a pesquisa, visando a formação de profissionais e pesquisadores para lidar com questões complexas, originadas dos desafios sociais, políticos, ambientais e econômicos contemporâneos de toda a sociedade brasileira.”

O professor Pedro Arantes, outro dos coordenadores do SoU_Ciência enfatiza que “os resultados, comparando os segmentos defensores ou não do orçamento para ciência e universidades públicas nos dão um retrato do Brasil. Claro que há influência do cenário eleitoral, mas está evidente, também, que as elites, brancas, com nível superior do sul e sudeste, somadas a evangélicos, estão hoje na vanguarda do projeto obscurantista de destruição do sistema de ciência, cultura e universidades públicas, e de regressão em muitas outras áreas, do meio ambiente aos direitos humanos”. Segundo o professor, “esse é mais um motivo para cientistas e professores voltarem suas instituições para compreender cada vez mais as demandas do povo brasileiro, de negros, indígenas, nortistas e nordestinos, pobres e menos instruídos, que hoje são a força civilizatória contra a barbárie. Para criar a universidade necessária no Brasil, diria Darcy Ribeiro. Descolonizar e deselitizar as nossas universidades é urgente. Façamos isso antes que as elites as destruam definitivamente”.

NOTA METODOLÓGICA

A pesquisa telefônica foi realizada em duas rodadas, nos dias 27 de julho e 10 de agosto de 2022, com 1200 respondentes, entre homens e mulheres residentes em todas as regiões do Brasil, com idade igual ou superior a 16 anos, de diferentes escolaridades, raça/cor, renda e classe social. A amostra seguiu cotas variáveis, segundo distribuição da população por região e com proporções definidas com base nas pesquisas Pnad 2021 e Censo 2010/IBGE. Pesquisa com grau de confiança igual a 95% e margem de erro máxima prevista de aproximadamente 2.85% para mais ou para menos.